

Manuel da Fonseca
Aldeia Nova

Índice

<i>Prefácio</i>	7
<i>Campaniça</i>	13
<i>O primeiro camarada que ficou no caminho</i>	19
<i>O ódio das vilas</i>	37
<i>Sete-estrela</i>	56
<i>Névoa</i>	71
<i>A Torre da Má Hora</i>	79
<i>A visita</i>	87
<i>Viagem</i>	99
<i>Mestre finezas</i>	121
<i>Aldeia Nova</i>	127
<i>Maria Altinha</i>	137
<i>Nortada</i>	144

Prefácio

Os doze contos aqui reunidos, que saíram, na primeira edição, com um belíssimo e lírico desenho de capa de Manuel Ribeiro de Pavia, que já ilustrara Rosa dos Ventos, Planície e mais tarde Cerromaior, escrevi-os a partir do fim dos anos 20 até ao fim da década de 30. Alguns foram publicados em jornais e revistas literárias. O primeiro da escolha, «Campaniça», que é como uma abertura à área humana e geográfica tratada no volume, apareceu com outro título, o de «Canção Alentejana», no semanário O Diabo de 17 de Julho de 1939.

Cinco destes contos criei-os a partir de acontecimentos vividos por pessoas de minha família. Alguns a que assisti, outros que ouvi contar. Da recordação que desses acontecimentos me ficou e que o tempo, com a experiência que eu ia adquirindo, veio insensivelmente retocando, sou às vezes levado a pensar que pouco mais fiz do que escrevê-los.

Desde muito criança me surpreendi, calado e atento, à lareira, nas longas noites de Inverno, ou à mesa, ao fim do jantar, nos demorados serões de Verão, ouvindo meu pai, o grande artista sabedor que ele era, fluente e breve, num falar ora veemente ora embalador, sempre evocativo, moroso de pormenores e de súbitos acontecimentos,

contar histórias da família. Da família do lado dele, camponeses que eram de Castro Verde, e da família de meu avô materno, uma gente miguelista, fugida sob os azares da derrota, e que se refugiara obscuramente no Cercal do Alentejo, onde meu bisavô, de quem há em casa de meu irmão um belo retrato pintado sobre madeira, faleceu. Atenuados os ódios da guerra civil, meu avô materno, ainda adolescente, veio com a família para Santiago. Já eu era nascido, encontrando-se ele, um Verão, com toda a família na praia de Sines, mandaram os inimigos políticos deitar-lhe fogo à casa.

Muito tempo antes, já o pai de meu pai, perseguido do mesmo modo e pelos mesmos motivos, embora diametralmente opostos, viera de Castro Verde para Santiago. Aqui começou a trabalhar de ferreiro, aqui casou o meu avô liberal.

Remediados ou endinheirados, em ambas as famílias sobressaíram indivíduos arrebatados, plenos de desamor à vida. Que eram os que mais profundamente amavam a vida, no contar de meu pai.

Definiam exemplarmente os dois ramos, as casas e os livros que por lá havia. Entre outros, de um lado, Livros de Horas, de capas de marfim, fechos dourados; Os Lusíadas; O Primeiro Cerco de Diu; A Besta Esfolada; uma 1.^a edição das Fábulas de Lafontaine, na tradução do Bocage; de Garrett, o Frei Luís de Sousa: O Amor de Perdição e As Noites de Insónia, do Camilo. Do outro lado, livros de feição educativa e política e de história das civilizações: volumes de Karl Marx, Victor Hugo, Max Nordeau, Zola, Júlio Verne, As Lendas e Narrativas, de Herculano, A História de Portugal, de Oliveira Martins, O Crime do Padre Amaro, de Eça.

A minha memória mais antiga estava cheia de pessoas e de ambientes que me eram familiares. Sobre eles comecei a escrever como quem inicia uma longa história.

Não foi fácil. Inventei-as com palavras até ao esvaziar das recordações. Até surgirem, reais e actuates, como as supunha no momento de as escrever, de lhes dar a vida da ficção.

Nada ou muito pouco, penso agora, lhes acrescentei ao reanimá-las. Nem usei classificá-las de boas ou de más. O homem é contraditório, depende em grande parte do meio, o mal e o bem convivem nele, ensinava-me meu pai. E tanto mais avulta, na ficção e na vida, quanto mais contraditório. Através dos seus actos, deixo ao leitor uma ou várias conclusões. De igual modo tratei as pessoas que vieram depois continuar a longa história começada. Pessoas que não eram da família, como as primeiras. Ou pareciam não ser. Mas que olhando-as agora, as não distinguo umas das outras, pois já são todas a minha grande e inseparável família.

Não escrevo de imediato o «assunto» escolhido. Antes de lavrar a escrita, alongo-me uns tempos pensando pessoas. Tais pessoas, que sob qualquer aspecto me impressionaram, acabam por apossar-se de mim, reduzem-me a espectador, demoram-se, levam-me com os seus sofrimentos, com as suas alegrias. E, quando já me parece que vivo com elas, que entendo o que ocultamente pretendem, lhes sei as expressões peculiares, oiço os diálogos, escutando muito mais o que não dizem do que o que dizem, só então começo a escrever. Uma vez lançado, a realidade e a invenção, mascaradas, jogam às escondidas comigo – nunca sei ao certo, em cada dado momento, qual delas preside ao que escrevo.

Rer um livro que escrevemos é ainda, além de reviver pessoas, sítios, recordar o tempo em que o escrevemos. Foi de guerras o tempo destes contos. Guerra de Espanha e mundial, a cujos malefícios, embora menores, nem os países neutros escaparam. Neutros é um modo de falar. Nenhum país é neutro. Nem as pessoas.

Vivíamos, então, os portugueses, sob regime ditatorial. Havia censura e a polícia política. Tudo nos era censurado, tudo nos era policiado. No que dizia respeito à literatura, só o coro organizado pelo governo era abertamente permitido. O mais era suspeito, vigiado. Qualquer voz livre e lírica ou dramática, contando a esperança, logo era amordaçada pela censura ou levada para o silêncio das grades pela polícia política. Oficialmente todos os portugueses eram neutros. Mas a verdade era que uma maioria desejava ardentemente a derrota dos países fascistas e nazis. Alguns dos portugueses comportavam-se até publicamente nesse sentido. Então, o governo agia. Os jornais eram censurados, os livros apreendidos, as pessoas presas.

Por outro lado, as duas facções beligerantes, essas, queriam mostrar que tinham cada uma delas mais gente de todas as camadas sociais a defendê-las do que a outra. Escritores e artistas evidenciavam-se na frente dos que escolhiam qualquer das partes em luta. E eram para estas sempre bem-vindos e por elas logo destacados. Assim, em 1943, após carta da Embaixada de Inglaterra em que me era pedido o consentimento, a que anuí também por carta, foi traduzido o conto deste volume, «A Torre da Má Hora», para inglês, numa colecção que publicava quatro livros por ano, cada um referente a uma das quatro estações. O livro em questão tinha por título O Outono e os Novos Escritores.

Pouco depois de sair o livro, recebi uma carta da Embaixada Alemã a comunicar-me que, por lapso dos serviços, me não haviam pedido o consentimento para a tradução do conto «Maria Altinha», e que este já fora publicado em dois jornais alemães, Die Zeit e Der Reich.

Casos destes não passavam de pequenos acontecimentos de um tempo de guerra. Um jogo miúdo e fácil.

Neutralizavam assim, a golpes baixos, os defensores dos adversários.

Um outro facto me ocorre ao reler os contos – a dificuldade em publicá-los, mas por eles vencida mercê de ocasional circunstância. Como sempre, então e agora, as casas editoras eram quase inacessíveis aos jovens escritores. Mesmo quando os editavam, faziam-no por motivos alheios à qualidade do livro, quase sempre a pedido instante de pessoa influente.

Levado o original, por um amigo, à Portugália Editora, que era então na Rua do Carmo, por lá seria esquecido na rima de outros malfadados originais, se a esposa de um dos editores, sentada em frente, à espera do marido, o não folheasse com mão desatenta. Poucas páginas passadas, lidas por alto, um dos títulos despertou-lhe a curiosidade pelo aparecimento da palavra camarada, termo a essa altura suspeito de conteúdo político. Decidiu-se a levar o original para ler em casa. As noites passava-as pouco mais que em claro. Morrera-lhe dois meses antes um filho, criança de poucos anos, e ainda se não habituara à dor daquela separação.

A leitura do conto não a ajudou a passar a noite, como esperava. Antes lhe foi dolorosa. No entanto, como que apaziguadora. Ficou ligada ao livro. Sentia-o participante de um sofrimento comum. E não descansou enquanto não conseguiu que o marido o editasse.

Foi deste modo romanesco que veio a público, faz quarenta e dois anos, este volume de contos, Aldeia Nova, agora revisto e novamente reeditado.

Tapada do Mocho, 12 de Fevereiro de 1984

Campaniça

Valgato é terra ruim.

Fica no fundo de um córrego, cercada de carrascais e sobreiros descarnados. O mais é terra amarela, nua até perder de vista. Não há searas em volta. Há a charneca sem fim, que se alarga para todo o resto do mundo. E, no meio do descampado, no fundo do vale tolhido de solidão, fica a aldeia de Valgato debaixo de um céu parado.

Valgato é uma terra triste.

Saem os homens para o trabalho ainda a manhã vem do outro lado do mundo. Levam enxadas e foices e conhecem todos os trilhos, entre o mato, com estevas que são mais altas que duas vezes o tamanho do mais alto dos homens de Valgato. Tanto conhecem os caminhos que vão, sem desvio nem engano, até às herdades que ficam a léguas de distância, ainda com o sono e o escuro da noite fechando-lhes os olhos.

Não é de admirar. Zé Tarrinha tem uma mula que caiu num barranco de piteiras e vazou os dois olhos. Pois a mula nunca erra a casa e vai sozinha à fonte. Não é de admirar que os homens saiam ainda com o escuro da noite, e com o sono, e vão sem desvio ou engano até às herdades.

O Venta Larga, quando se fala que alguém se perdeu no caminho, diz sempre:

– A gente não precisa senão de saber onde põe os pés. O mais é cá disto... – funga com ruído e, alargando as narinas, aponta o nariz – ... o mais é cá do cheiro.

Por isso lhe chamam o Venta Larga.

Aí está que não é difícil um homem perder-se na charneca. É tão igual e monótona, rasa para todos os lados e para todos os lados deserta, que só o tino e, como diz o Venta Larga, o cheiro, são capazes de orientar. Para que serve ver? Anos e anos a olhar o descampado, os olhos cansaram-se de ver sempre o mesmo. A vista dos homens de Valgato é um sentido embotado. Há uma névoa cobrindo-a, mesmo de dia com o céu esbranquiçado e o lume do Sol tremendo no ar. E sem ver, ainda a manhã vem no outro lado do mundo, os homens, certinhos como a mula do Zé Tarrinha, andam léguas e léguas e vão dar às herdades. E de noite, sempre de noite, tornam para a aldeia, certos e direitos, com os olhos cegos do sono que volta. Certos e direitos que um homem não precisa mais que saber onde põe os pés.

Todos os dias assim: sair de noite, voltar de noite. Que a aldeia de Valgato é terra ruim cercada de carrascais. E fica no fundo de um córrego magoado de solidão.

Valgato é uma terra triste.

Maria Campaniça, quando era solteira, pensava todos os dias fugir da aldeia. Era nova e tinha o rosto corado e um lenço de barra amarela. Subia a quebrada, sentava-se no cabeça mais alto à sombra de um charro e punha-se a pensar para que lado partiria. Mas o descampado, correndo sem fim por vales e outeiros, bravio, agressivo de cardos e tojos, metia-lhe medo. Maria Campaniça juntava os porcos e voltava à aldeia, à hora do entardecer.

Depois apareceu o Baleizão com conversas, à noite, na soleira da porta. E o mesmo desejo continuou: fugir de Valgato. Comprariam os dois uma bácia e um bácoro e ao fim de algum tempo haviam de ter uma vara de porcos. Iriam vendê-los à feira de Cerromaior e aí ficariam a viver. Aí ou noutra terra, contanto que não fosse em Valgato.

Agora Maria Campaniça há muito tempo que vive com o seu homem. Quando quer saber os anos ao certo, conta o número de filhos. Tem cinco e o mais novo poucos meses. Portanto, vai para sete anos que está com o Baleizão.

Uma noite, Maria Campaniça sonhou que era velha e morria sem sair de Valgato. Foi e contou à mãe. O rosto encarquilhado da velha franziu-se ainda mais na sombra do lenço:

– Que parvidade, moça! Então onde haverás de morrer?

Quando era nova tinha o rosto corado e gostava de ouvir falar do Zé Gaio. Agora já ninguém sabia dele. Fora-se numa noite de estrelas, quando os homens cantavam uma toada tão lenta e desgarrada que até metia medo.

O Venta Larga, quando se fala no Gaio, explica o caso nestas palavras:

– O Zé Gaio perdeu o cheiro da casa.

Mas Maria Campaniça sabe que não foi assim. E recorda a história do Gaio... Quando os homens recolhiam a Valgato, acontecia às vezes ficarem de conversa no terreiro. Depois, porque a terra era sem fim para todos os lados e os homens se sentiam presos naquele vale do fim do mundo, libertavam-se cantando. Zé Gaio ouvia com o rosto imóvel e o olhar distante. Em dada altura, o peito cheio de uma ansiedade que nem ele sabia, erguia-se e, sem uma fala a ninguém,

partia por trilhos e carreiros de cabras até o cansaço o vencer. Ao voltar à aldeia era dia e trazia o rosto vincado de tristeza.

Uma tarde, já sem sol, quando os homens vindos da faina desciam das cristas dos cabeços, notaram que havia qualquer coisa de estranho em Valgato. Estugaram o passo. E perto olharam inquietos, poisando de leve as enxadas no chão.

Era uma forma de mulher com um vestido azul, colado, desenhando-lhe a carne. E tinha a boca vermelha e os olhos azuis e os cabelos loiros. Sorria. E andando oscilava as ancas torneadas, vivas, no vestido azul. E os seios tremiam a cada passo e levava os olhos de todos os homens de Valgato presos nos cabelos loiros, nas ancas e nos seios.

Depois, viera um senhor, dono das terras do vale, e a mulher partiu com ele, num carro, pelo melhor dos caminhos que sai de Valgato e a léguas dali entra na estrada real.

Os homens continuaram indecisos, com os olhos voltados para o cabeço por onde a mulher desaparecera. Só acordaram com as palavras da velha Carrasquinha. A velha dizia que aquilo fora uma aparição...

– ... Foi uma santa!

Entrou em casa, tirou do fundo da arca uma estampa e voltou.

– Olhem se foi ou não foi!

Todos olharam. Era uma Nossa Senhora vestida de azul, com os cabelos loiros abertos ao meio.

Os homens ficaram mais tristes que nunca. E, nessa noite, cantaram tão desgraçados como os presos às grades de uma cadeia.

Só um deles não acreditara nas palavras da velha. Tinha a certeza de que vira uma mulher. E quando a noite ia em meio – ainda os homens cantavam –

jogou a manta para o ombro e partiu. Partiu e nunca mais voltou.

Por isso o Venta Larga dizia:

– O Zé Gaio perdeu o cheiro da casa.

Maria Campaniça sente ainda mais fundo o peso dos filhos e da solidão que enche o vale. Ela também quisera partir quando era solteira e mesmo depois de viver com o seu homem. Quisera partir... Agora sonhou aquele sonho: morrer de velha em Valgato. As palavras da mãe aí estavam:

– Que parvidade, moça! Então onde haveras de morrer?

Aí estavam as sombras da noite chegando, estirando-se pelas encostas dos outeiros, cada vez mais compridas, mais tristes. E os casebres da aldeia, abatidos, mergulhando na noite. Uma maré cheia de solidão crescendo, afogando.

Um rebanho badalava chocalhos... Maria Campaniça quando era nova também ia para o montado com uma vara de porcos. Olhava, dos cabeços, a planura sem fim. Depois viera o Baleizão com conversas, à noite, na soleira da porta. Vieram os filhos e Maria Campaniça sonhara que morria sem sair de Valgato. Zé Gaio andava ao acaso por terras melhores, senhor da sua vida. Estava em todas as feiras gozando todas as horas como melhor lhe apetecesse. E iria para aqui ou para além segundo a vontade. Vida boa... Maria Campaniça quando era nova tinha o rosto corado e um desejo enorme de abalar. Agora tem um filho nos braços chupando-lhe o seio e, perto, dormem os outros na enxerga...

Lá fora a noite fechou-se. Valgato fica mais longe do mundo, mais longe do mundo. E o medo de que o sol nunca mais volte aperta o peito dos homens. Noite, noite.

Maria Campaniça tem os olhos presos nas cinzas da lareira. Entra pela casa dentro a voz desgraçada dos homens cantando. É uma toada igual, arrastada como a planície áspera de tojos e cardos. Os olhos de Maria Campaniça estão cheios de água. Veio-lhe a certeza de que não sairá da aldeia, e que, um dia, quando for velha, hão-de cobri-la de terra e pôr-lhe uma cruz em cima. Duas lágrimas caem sobre a criança que lhe chupa o seio.

No terreiro, os homens cantam a desolação que vem de noite e lhes aperta o peito. Vozes arrastadas como o vento gemendo num pinhal. Choro, mágoa, raiva. Que a aldeia de Valgato é uma terra triste. Cercada de carrascais e sobreiros descarnados, não tem searas em volta. Só a planície sem fim que se alarga para todo o resto do mundo. E, no meio do descampado, no fundo do vale tolhido de solidão, fica a aldeia de Valgato debaixo de um céu parado.

Valgato é terra ruim.